

Militares trocam farda pelo quadro negro

Do Los Angeles Times

Annandale (EUA) — A prosperidade da economia americana está tirando professores de matemática, ciência e tecnologia das salas de aula em todo os Estados Unidos. No atual mercado de trabalho americano, mesmo os professores de computação minimamente competentes podem dobrar ou mesmo triplicar seus salários em empregos como programadores de computador e treinadores em empresas na iniciativa privada. E milhares estão fazendo isso.

Mas as escolas públicas estão lutando para manter seus quadros. Tentam encontrar novas formas para engordar os benefícios financeiros de quem se mantém por bastan-

te tempo no emprego. Desenvolvem programas de aperfeiçoamento para os professores, e oportunidades de viagens — benefícios normalmente oferecidos apenas nas universidades. Jogam com as inseguranças dos empregos no setor privado.

E, olhando além dos campi universitários e outros locais tradicionais de busca de professores, estão encontrando novas fontes de talento em lugares inesperados.

Steve Rose, por exemplo, tem fortes credenciais acadêmicas. Possui grande experiência no mundo de trabalho — rara mas muito valorizada nas salas de aula americanas. E, com quatro anos ensinando matemática e computação em escolas de 2º grau, está justamente no ponto em que tais professores

são atraídos para outros empregos.

Mas Rose não tem nenhum interesse em deixar a Escola de 2º grau Thomas Jefferson, na Virginia. “O que poderia ser melhor que dar aula”, ele pergunta. “Se houvesse algo melhor, nós estaríamos fazendo.”

Rose é um oficial da Força Aérea americana aposentado com longa experiência em programação de computadores e análise de sistemas. E as Forças Armadas, que vêm diminuindo seus quadros desde o fim da guerra fria, tornaram-se um bom celeiro de professores de matemática e ciências. Ex-militares não são só bem treinados, mas imbuídos de um grande senso de dever. Eles também tendem a ser menos sensíveis ao poder de atração dos salários

maiores das empresas privadas.

“Os militares estão em paz com isso. Quando eles decidiram ensinar sabiam que não estavam nisso pelo dinheiro”, diz Jeff Jones, diretor da Thomas Jefferson, umas das escolas que estão entre os melhores centros de ciências no país. Jones está na linha de frente da guerra para recrutar e manter bons professores de matemática e ciência. O distrito de Fairfax, na Virginia, próximo a capital americana, Washington, é um exemplo do desafio que acontece nos Estados Unidos inteiro.

COMPETIÇÃO

Como em algumas partes da Califórnia, onde o problema também é sério, Fairfax é uma área que oferece a seus estudantes instrução

de alta qualidade em ciências e tecnologia, e bons salários e benefícios a seus professores. E como administradores de escolas em South Bay, o Vale do Silício, ou o sudeste da Califórnia, eles também enfrentam a intensificação da competição com companhias locais de alta tecnologia.

O crescente setor privado não é o único fator na pouca oferta de professores de matemática e ciências. Um crescimento expressivo da população de estudantes, principalmente com o aumento do acesso das classes mais baixas à educação, também são fatores.

Também o é a criação de escolas-centro de tecnologia e ciências, como a Thomas Jefferson. Esse tipo de instituição provou ser com sucesso uma

maneira de responder às preocupações com qualidade, mas também aumentou a demanda por professores qualificados e criaram um celeiro de ofertas de profissionais de alto nível para o setor privado. “Não se passa um dia sem que uma oferta de emprego não esteja sendo acenada para um dos nossos professores”, conta Jones.

Dos 3 milhões de professores americanos de ensino fundamental e médio, cerca de meio milhão ensinam matemática, ciências e tecnologia de computadores — grande parte concentrada no ensino médio. Estudos feito pelo Centro Nacional de Estatísticas de Educação americano mostram que a atração de professores destas áreas são muito mais comuns do que para os de leitura e estudos sociais.